



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

MAYCK BASTOS LOUCHARD

**A NARRATIVA DE FRIEDMAN EM “O GATO PRETO”, DE EDGAR ALLAN POE**

MACAPÁ - AP  
2019

MAYCK BASTOS LOUCHARD

**A NARRATIVA DE FRIEDMAN EM “O GATO PRETO”, DE EDGAR ALLAN  
POE**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras  
Português/Inglês da Universidade Federal do Amapá  
como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho  
de Conclusão de Curso III.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natali Fabiana da Costa e Silva  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Pimenta Attie

MACAPÁ - AP

2019

## A narrativa de Friedman em “O gato preto”, de Edgar Allan Poe

### RESUMO:

Este trabalho buscou investigar a tipologia de narradores postulada por Friedman (1946 - ) levando em consideração como a noção de narrador está conectada com a noção de foco narrativo. É em seu texto “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”, publicado em 2002, onde Friedman apresenta essas noções. Ele traz para seu estudo quatro tipos narradores e lista também quatro tipos de foco narrativo. Para verificar essas categorias narratológicas, escolhemos como *corpus* o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe (1809-1849), que se encontra na coletânea *Histórias Extraordinárias*, publicada em 2005, versão traduzida e adaptada por Clarice Lispector (1920-1977). Em nossa pesquisa podemos averiguar que o tipo de narrador encontrado no conto é o narrador protagonista, onde seu foco narrativo se dá por meio da onisciência seletiva.

**Palavras-chave:** Ponto de vista; Narrador; Conto; Edgar Allan Poe.

### ABSTRACT:

The aim of this work was investigate tipology of narrators proposed by Friedman (1946 - ), considering that the concept of narrator is intricated to the narrative focus concept. We can find these concepts in his text “Point of view in fiction: The development of a critical concept”, published in 2002. The study of this author works with four types of narrator and he also classify four types of narrative focus. So, for that analysis takes place, the short story “The Black Cat”, by Edgar Allan Poe (1809-1849), was chosen for corpus in this article, whose text is included in *Histórias Extraordinárias*, published in 2005, its version was translated and adapted by Clarice Lispector (1920-1977). In our research we can verify that the type of narrator found in the tale is the protagonist narrator, where its narrative focus is through selective omniscience.

**Keywords:** Point of view; narrator; Short story; Edgar Allan Poe.

## INTRODUÇÃO

Podemos narrar o ontem, o hoje e, até mesmo, o amanhã. Narramos quase que a todo o momento algo para alguém. Podemos narrar histórias verídicas ou histórias fictícias. Narramos acontecimentos, experiências. Narramos sobre nós e sobre o outro. A narrativa se faz presente na vida do homem desde sua origem, quer seja por meio da contação de histórias em relação ao seu cotidiano, ou pelo contato com textos literários. Segundo Marquesin e Ferragut (2009), a narração trata do ato de contar histórias e possui como uma de suas características a sequencialidade, além da necessidade de informações sobre o que se conta de tal maneira que a narração acaba por se tornar um processo informativo.

Segundo Lígia Chiappini (1987, p. 6), “Quem narrar, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas”. Fundamentados nessa perspectiva, podemos afirmar que a narração não consiste em contar apenas aquilo que se viveu ou que realmente aconteceu, mas também o que se pode sonhar ou imaginar.

Conseqüentemente, faz-se necessário ir “atrás de uma voz que nos fale, velando e desvelando, ao mesmo tempo, narrador e personagem, numa fusão que, se os apresenta diretamente ao leitor, também os distancia, enquanto os dilui.” (CHIAPPINI, 1987, p.6). Isto é, o narrador nos conta os acontecimentos presentes na história, sendo ele capaz, ou não, de detalhar informações de modo que o leitor possa ficar mais próximo ou mais distante dos fatos ocorridos.

No ato de narrar estão implicadas as noções de narrador e foco narrativo. Enquanto o primeiro termo se refere a uma instância que conta ao leitor sobre determinado acontecimento, o foco narrativo (*focus of narrative*) sugere um ponto de vista que evidencia certa perspectiva sobre os acontecimentos. É através dele que se estabelece por meio de quais olhos iremos observar a estória<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Optamos por utilizar o termo “estória” ao longo de todo o trabalho, pois é o termo utilizado por Friedman (2002) ao longo de sua teoria para designar o texto ficcional.

Segundo Friedman (2002), o foco narrativo, que também é sinônimo de ponto de vista, trata da perspectiva adotada pelo narrador para aproximar o leitor da visão de uma determinada personagem. Para ele, do mesmo modo que há múltiplos modos de narrar, há também múltiplos pontos de vista, de tal maneira que em um mesmo texto é possível encontrar mais de um tipo de foco narrativo, assim trabalhando sua teoria da narrativa dentro do texto *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico* (2002).

Para trabalhar a tipologia de Friedman de narradores e focos narrativos, optamos por analisar o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe (1809-1849), buscando investigar em qual foco narrativo e tipo de narrador a estória se enquadra.

Segundo Ricardo Araújo (2002), Edgar Allan Poe nasceu em Boston, Massachusetts, em 19 de janeiro de 1809 e foi encontrado morto nas ruas de Baltimore no dia 7 de outubro de 1849, aos quase 41 anos. Foi autor, poeta, contista, trabalhou como editor e crítico literário dos Estados Unidos da América. Ficou conhecido por suas histórias que envolvem tanto o mistério quanto o macabro. Poe foi um dos primeiros escritores estadunidenses de contos e é considerado o criador do gênero ficção policial, também recebendo crédito por sua contribuição ao emergente gênero de ficção científica. Ele foi o primeiro escritor norte-americano conhecido por tentar ganhar a vida apenas por meio da escrita, o que, para ele, resultou em uma vida e carreira financeiramente difíceis.

Dentre as diversas obras<sup>2</sup>, as mais conhecidas são os poemas *O corvo* (1845) e *O verme conquistador* (1843), os contos *O barril de amontillado* (1846), *O Poço e o Pêndulo* (1842), *O retrato oval* (1842), *A máscara da morte rubra* (1842), *Os crimes na rua Morgue* (1841), *Nunca aposte sua cabeça com o Diabo* (1841), *A queda da casa de Ucher* (1839), *Manuscrito encontrado numa garrafa* (1833) e *O gato preto*, que servirá de *corpus* para nossa análise, entre outros. Sobre “O gato preto”, foi publicado pela primeira vez em uma edição do jornal *Saturday Evening Post*, de 19 de agosto de 1843.

Todos os contos citados acima estão presentes na coletânea *Histórias Extraordinárias*, de Edgar Allan Poe, a qual teve sua primeira publicação em 1859. No entanto, o conto utilizado nesta pesquisa está presente na obra intitulada

---

<sup>2</sup> As obras citadas neste parágrafo se encontram na mesma coletânea da qual foi tirado o *corpus* desta pesquisa. Entretanto, optamos por informar, no corpo do texto, as datas de suas primeiras publicações.

*Histórias Extraordinárias*, traduzida e adaptada por Clarice Lispector (1925-1977) e publicada pela editora carioca Ediouro em 2005, com a seleção de 18 contos de Poe.

“O gato preto” é narrado na primeira pessoa, sendo o próprio narrador também o personagem principal. Ele narra desde sua mudança de personalidade como alguém pacífico e calmo, que ama os animais, principalmente Plutão, seu gato de estimação, a alguém irritado e violento. Essa transformação, a qual culminou nos crimes que cometera, segundo o próprio narrador personagem, se origina a partir do seu envolvimento com bebidas alcoólicas. A mutilação e o enforcamento de Plutão, a tentativa de assassinar o novo gato de estimação e o assassinato da sua esposa são os crimes cometidos pela personagem.

Com base no conto “O gato preto”, nosso estudo buscou responder os questionamentos que Friedman nos coloca em sua obra, sendo eles: a) Quem fala ao leitor?; b) De que posição (ângulo) em relação à estória ele a conta?; c) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a estória ao leitor?; e d) A que distância ele coloca o leitor da estória?

## **O NARRADOR E O FOCO NARRATIVO**

Este estudo buscou trabalhar a tipologia de narradores criada por Norman Friedman, levando em consideração como a noção de narrador está imbricada com a noção de foco narrativo, em sua obra *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico* (2002), Friedman sistematiza uma tipologia da narrativa, que se baseia em uma distinção essencial representada pela diferença entre “contar e mostrar” uma estória (FRIEDMAN, 2002, p.172). O “contar” (telling) e o “mostrar” (showing) foram termos utilizados inicialmente por Platão e retomados por Friedman e, segundo Chiapinni (1987), esses termos revelam, respectivamente, a diferença entre o ato de narrar e o foco narrativo.

Essa distinção apontada acima influenciará as diferenças entre os tipos de narradores e os focos narrativos encontrados em determinadas narrativas. Segundo Chiapinni (1987), essa tipologia postulada por Friedman é considerada umas das mais completas, pois tem como objetivo servir de “instrumento crítico, delinear e

exemplificar seus princípios básicos e, finalmente discutir sua significação, de modo geral, em relação ao problema de técnica artística.” (FRIEDMAN, 2002, p 168).

Friedman (2002) deixa clara sua preocupação estética com o trabalho desenvolvido na narrativa. Não obstante, empenha-se também em sanar questionamentos dos quais o leitor venha se preocupar, questões tais como: de onde o narrador tira as informações que transmite ao leitor? Para Friedman, sua tipologia tinha que se atrelar não somente à parte estética do texto, da mesma forma, adentrar a esses detalhes e tentar, assim, esmiuçar a necessidade que não era somente dele, mas de leitores em geral.

Friedman em *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico* (2002) classifica os seguintes narradores: autor onisciente intruso; autor onisciente neutro; “eu” como testemunha ou narrador-testemunha e narrador-protagonista. Nos traz também a classificação dos seguintes pontos de vista: onisciência seletiva múltipla; onisciência seletiva; modo dramático e câmera.

O primeiro tipo de narrador, autor onisciente intruso, se apresentará em terceira pessoa e tem conhecimento de tudo o que acontece durante a narrativa. Conhece os lugares, as épocas, seus personagens, incluindo seus pensamentos, perspectivas e sentimentos. Isso dá a liberdade para esse tipo narrador transitar pelos elementos encontrados na narrativa, tendo poder de escolher como irá contar os fatos, além de conhecer os personagens a fundo. Além disso, pode fazer interferências durante a estória e tecer comentários a respeito dela.

No segundo, denominado autor onisciente neutro, a narrativa se dá de forma similar ao autor onisciente intruso, ou seja, é narrada em terceira pessoa, deixando que o leitor possa perceber a presença do narrador. Esse narrador sabe tudo sobre a narrativa que está contando, no entanto não quer deixar a impressão de que interfere na estória. Sendo assim, não faz intrusões, pelo menos não de forma explícita. O que o difere do primeiro tipo é que no caso do autor onisciente neutro não ocorre a interrupção dos acontecimentos para que o narrador faça comentários acerca dos seus pontos de vista.

No terceiro, chamado por Friedman de “eu” como testemunha, o narrador é um personagem de menor relevância dentro da narrativa, mas que relata os acontecimentos que ocorrem com o protagonista e os outros personagens. O narrador aqui é em primeira pessoa e tem seu foco narrativo mais limitado dentro da

estória do que os dois tipos de narradores anteriores, já que, por se encontrar incluído na estória como um personagem, sua limitação só lhe permite descrever o que presenciou ou pesquisou sobre, não conseguindo ter acesso aos pensamentos, sentimentos e perspectivas dos personagens.

O quarto, que Friedman chamou de narrador-protagonista, é um tipo de narrador semelhante ao anterior, ou seja, se encontra dentro da estória. Entretanto, difere-se daquele, pois o narrador presente no texto é o personagem central da ação. Ele a conta em primeira pessoa, descrevendo os fatos que lhes são relacionados, de acordo com o que vivenciou no decorrer da estória. No caso do narrador-protagonista, seu foco narrativo tem um ângulo de visão central fixo, de tal maneira que ele só pode descrever suas próprias percepções, sentimentos e pensamentos.

Quanto aos pontos de vista elencados por Friedman (2002), começaremos pela onisciência seletiva múltipla. Esse tipo de foco narrativo só se faz possível em discurso indireto ou indireto-livre. Ou seja, ele pode representar a consciência de múltiplos personagens reproduzindo diretamente ou indiretamente os sentimentos e pensamentos. Possibilitando enxergar perspectivas interiores dos personagens, o narrador parece aprofundar-se em suas mentes de forma que consegue expor o que eles pensam, sem se utilizar de filtragem alguma.

Já a onisciência seletiva é semelhante ao caso anterior, no qual há a divulgação dos pensamentos e sentimentos dos personagens. Contudo, esse tipo de perspectiva tem como enfoque apenas um de seus personagens, revelando então para o leitor os seus pensamentos, sentimentos e percepções de forma aprofundada do mesmo.

No modo dramático, Friedman nos diz que a figura do narrador desaparece da estória. Ou seja, no texto aparecem apenas os diálogos entre os personagens, bem como seus marcadores de cena, situando os personagens no espaço em que devem estar.

Por fim, no foco narrativo denominado como a câmera, há uma exclusão quase total do narrador. Desse modo, o foco pode parecer arbitrário, como uma “câmera cinematográfica” (FRIEDMAN, 2002), sem uma seleção de imagens. Chiappini (1987) discorda dessa arbitrariedade. Para a autora, esse foco proporciona a impressão de que o narrador deixa de existir. Contudo, é o próprio

narrador que está por trás desses acontecimentos “arbitrários”, pois é ele quem seleciona e combina as imagens a serem mostradas, como se fossem *flashes* daquela realidade.

### **FRIEDMAN: ANÁLISE DA NARRATIVA DE “O GATO PRETO”**

Neste momento, buscaremos neste ponto, fazer a análise do conto de Poe, e a partir dela responderemos as questões que foram elencadas por Friedman, para que, desse modo, possamos definir a qual o tipo de narrador e foco narrativo o conto “o gato preto” está entrelaçado.

Para começarmos tal discussão, faz-se necessário que saibamos “quem fala ao leitor” (FRIEDMAN, 2002, p. 171), ou seja, que tipo de narrador se faz presente no conto “*O gato preto*”. Seria um narrador autor onisciente intruso? o narrador autor onisciente neutro? O narrador “eu” como testemunha/narrador-testemunha? Ou o narrador-protagonista?

Partindo da necessidade de destrinchar o conto de Poe, conseguimos averiguar, a partir da discussão no tópico anterior, que quem fala ao leitor é o narrador na primeira pessoa do singular, ou seja, narrador-protagonista.

Friedman (2002) nos diz que esse tipo de narrador exerce um papel de personagem dentro da estória, sendo de tal maneira, que seu envolvimento está completamente imerso nos fatos ocorridos no conto, como podemos verificar por meio do seguinte excerto:

[...] Espero que para os outros não pareçam tão terríveis. Para mim foram. Tanto que, até agora, penso que sonhei. Ou que enlouqueci. Não, louco não devo estar. É que foi demais, horrível demais. Inacreditável que tudo isso tenha acontecido. E assim aconteceu [...] (POE, 2005, p. 9).

Conseguimos perceber a presença do narrador em primeira pessoa por meio de expressões lexicais como “para mim”, em momentos que ocorrem a ocultação do pronome pessoal “eu”, como no caso “penso que sonhei” (POE, 2005, p. 9), ou por meio da conjugação dos verbos “pensar” e “sonhar” na primeira pessoa do singular. Traços que se repetem ao longo do conto, como no excerto a seguir:

Três dias se passaram e meu carrasco não apareceu. Mais uma vez respirei como um homem livre. O monstro abandonara a casa para

sempre. Aterrorizado, talvez. Não mais o veria! Minha felicidade era completa! Nem a culpa da minha negra ação me perturbava. Foram feitos interrogatórios e todos foram respondidos. Eu já dava como assegurada a minha tranqüilidade. (POE, 2005, p. 15).

No trecho citado acima, temos novamente a ocultação do pronome “eu” no trecho “fui sempre dócil”, no entanto, no mesmo parágrafo o narrador utiliza o pronome “eu” de forma direta no momento em que diz “Eu já dava como assegurada a minha tranqüilidade.”, aqui vemos não somente o uso do pronome pessoal na primeira pessoa do singular “eu”, assim como ele também utiliza os pronomes possessivos na primeira pessoa do singular “meu” e “minha”. Podemos perceber, mediante as aproximações que o narrador-protagonista faz entre suas lembranças e o tempo presente, que ele sabe que fizera algo de muito grave, no entanto parece não ligar para isso.

De tal forma, afirmamos que o narrador presente em “O gato preto”, por narrar a história em primeira pessoa do singular, é o personagem principal do conto, sendo então um narrador personagem, ou como Friedman coloca, “narrador-protagonista” (FRIEDMAN, 2002, p 176). Ele adiciona ainda que:

O narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

Segundo as reflexões de Friedman (2002), o narrador de “O gato preto” se limita às suas próprias “memórias”, deixando ainda mais claro o tipo de narrador que temos, ou seja, narrador-protagonista.

Depois de trabalharmos sobre o tipo narrador e descobirmos ele sendo um narrador-protagonista, precisaremos responder o segundo questionamento postulado por Friedman (2002, p. 171), que busca saber “de que posição/ângulo em relação à estória o narrador a conta”. Seria ela contada tendo o foco narrativo vindo da onisciência seletiva múltipla? Da onisciência seletiva? Do modo dramático? Ou a câmera?

Conseguimos distinguir que o foco narrativo presente no conto é denominado por Friedman de central fixo (2002, p.177). Isto quer dizer que o narrador-protagonista encontra-se limitado em seu campo de visão, pois esse tipo de foco narrativo não tem acesso às informações relacionadas a nenhum outro personagem,

uma vez que só pode narrar a partir do que vivencia tanto objetiva quanto subjetivamente. Carvalho (1981) dialoga com essa ideia trazida por Friedman (2002), e afirma que:

No caso do “eu” protagonista, a visão do narrador não é periférica: é central. Tem, entretanto, a desvantagem de ser fixa. O narrador-protagonista é um personagem que, por definição, é atuante, não podendo ser, ao mesmo tempo, espectador, crítico ou colecionador de opiniões alheias (CARVALHO, 1981, p. 11).

Em vista disso, na medida em que o narrador-protagonista evolui dentro da estória, seu discurso acaba por se adequar àquilo que o personagem está vivenciando em determinados momentos. Esse tipo de foco narrativo é descrito por Friedman (2002, p.178) como onisciência seletiva.

Consequentemente, tendo a onisciência seletiva como foco narrativo do conto, o narrador passa a se mostrar como narrador-protagonista, apresentando-se ao leitor por meio desse ponto de vista limitado, onde expõe seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções, mostrando assim suas próprias considerações acerca daquilo que está sendo relatado por ele.

Posto isto, podemos afirmar que esse foco narrativo faz com que o narrador-protagonista desenvolva traços subjetivos que revelam tudo aquilo pelo que está passando. O narrador relata, por exemplo, no início do conto que é “Inacreditável que tudo isso tenha acontecido. E assim como aconteceu. E logo comigo que, desde menino, fui sempre dócil, humano.” (POE, 2005, p. 9).

Dessa forma, ele se torna tedencionado a ter um vínculo emocional por meio do desenrolar das ações presentes no conto, e ele continua ao longo de toda a estória demonstrando esse vínculo. Portanto, ao longo do texto nos conta como foi se dando sua transformação, ou seja, o narrador-protagonista de “o gato preto” nos mostra os fatos ocorridos a partir de sua vivência e nos mostra como cada um de seus atos foram ocasionando a transformação que se deu nele, isto é, com base em suas percepções acerca daquilo que está acontecendo ao seu redor.

Após definirmos quem é o nosso narrador e qual o tipo de foco narrativo encontrados no conto “O gato preto”, precisaremos responder à terceira questão que Friedman (2002, p. 171) coloca, visando saber “que canais de informações esse tipo de narrador usa para transmitir a estória ao leitor”. Entendemos por canal de

informação tudo aquilo transmitido por meio de diálogos, memórias, percepções, sentimentos e ações do autor.

O narrador presente no nosso *corpus* nos conta sua estória por meio de suas memórias buscando fazer uma retomada ao seu passado, para que assim, possa nos apresentar como era seu comportamento antes dos crimes que cometera, e aí, sim, revelar-se como o homem cruel que demonstrou ser. Tais ações, que ele diz influenciadas pelo alcoolismo em primeiro momento, levaram-o a maltratar seus bichos de estimação, chegando a matar Plutão e, até mesmo, sua esposa.

E conseguimos averiguar que ele não demonstra sentir culpa alguma após o assassinato de sua mulher, o que ele demonstrava sentir anteriormente era apenas asco em relação aos gatos que tivera. Lembramos aqui que, por se apresentar onisciência seletiva fixada na figura de um narrador-protagonista, o mesmo está limitado ao seu campo de visão, ou seja, ele só poderá descrever tudo a partir de sua percepção.

A respeito do estado do narrador-protagonista de “*O gato preto*”, ele se descreve da seguinte maneira:

[...] Uma noite, voltei a casa bastante embriagado. Pareceu-me que o gato me evitara. Fugia de minha presença. Insisti. Agarrei-o. Deu-me uma dentada de leve. [...] Agarrei o gato. Prendi-o pela garganta. Com um canivete, arranquei-lhe um dos olhos! (POE, 2005, p. 11).

Podemos perceber que de uma pessoa carinhosa, atenciosa, que tratava tudo e todos ao seu redor de forma gentil, como ele nos fala, “Inacreditável que tudo isso tenha acontecido. E assim aconteceu. E logo comigo que, desde menino, fui sempre dócil, humano.” (POE, 2005, p. 9). O narrador-protagonista se torna um sujeito mal-humorado, cruel e violento, o que o leva aos seus atos de atrocidade primeiramente com seu gato de estimação, Plutão, e logo depois com sua esposa.

Naturalmente, o narrador-personagem começa a nos contar os crimes que cometera, sabendo que sua sentença será a morte “Amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Por essa razão vou lhes contar tudo.” (POE, 2005, p. 9). Levando em conta essa informação, podemos inferir que o narrador-protagonista foi preso após todos os delitos praticados, ou seja, subentende-se que ele está na prisão. Percebemos então, que ele está fazendo uma autorreflexão sobre o que acontecera ao mesmo.

Dessa forma, já pararam para pensar que nós precisamos de um espelho ou de outra pessoa para que possamos ser capazes de ver nosso próprio reflexo? Olhar para quem realmente somos nem sempre é uma tarefa nada fácil, e conseguimos perceber que o narrador-protagonista de “O gato preto” percebe isso, quando ele se dá conta de que está em um estado totalmente diferente daquele que se dizia ser. Ele percebe, por meio de suas atitudes com Plutão e o novo gato, o seu eu que não conhecia. O narrador-protagonista diz que:

Nesse tempo, eu freqüentava os lugares mais sórdidos. Uma noite, sentado num daqueles antros, embrutecido pelo excesso de bebida, vi repousando, em cima de um imenso barril, um gato preto. (POE, 2005, p. 13).

Ele teve a capacidade de enxergar sua transformação, no entanto, com o tempo, não pareceu se importar, aceitando-a, chegando ao ponto de não mais demonstrar seus sentimentos. Como podemos ver no excerto a seguir:

[...] Dia a dia fui me tornando calado, irritável, agressivo. Meus sentimentos, minha linguagem eram rudes. Eu me embrutecera. Não só descuidei-me de mim, de minha mulher e de meus bichos, como os maltratava com a maior crueldade. Cheguei ao ponto da agressão física. (POE, 2005, p. 10).

Essa auto percepção que o narrador-protagonista apresenta de si, só mostra como ele reflete e age acerca disso. Mesmo percebendo que está cometendo atos irreparáveis, ele parece não mais dar importância a isso. O que nos leva a esta parte da análise, onde falaremos sobre as situações encontradas no conto, como, por exemplo, as descritas no excerto abaixo:

Uma noite, voltei a casa bastante embriagado. Pareceu-me que o gato me evitara. Fugia de minha presença. Insisti. Agarrei-o. Deu-me uma dentada de leve. Foi o quanto bastou para que eu me tomasse de fúria. Cheguei a me desconhecer. Era como se minha alma me houvesse abandonado. Uma diabólica maldade se apossou de mim e vibrou todas as fibras do meu corpo. Agarrei o gato. Prendi-o pela garganta. Com um canivete, arranquei-lhe um dos olhos! Pela manhã, já livre dos efeitos do álcool, restava em mim uma sensação de horror e remorso pelo crime de que me tornara culpado. [...]. (POE, 2005, p.11)

Percebemos, no excerto citado anteriormente, que por conta de seu estado alcoólico, pelo menos é o que se acha a priori, ele comete atos de forma impensável, apenas por seu gato não querer estar próximo dele no estado em que se encontrara. Então resolve pegar Plutão à força. No entanto, o gato, tentando se defender, acaba por ter um de seus olhos arrancados por seu dono, no caso aqui, o narrador-protagonista. Para continuar seus atos criminosos ele nos diz a seguir:

Certa manhã, a sangue-frio, enforquei-o no galho de uma árvore. Enforquei-o porque sabia que ele me havia amado e porque sentia que não me dera razão para ofendê-lo. Enforquei-o porque sabia que, assim fazendo, estava cometendo um pecado mortal. E esse pecado iria pôr em perigo a minha alma imortal. (POE, 2005, p.11)

De acordo com o excerto acima, podemos verificar que o narrador-protagonista reflete sobre suas ações. Conseguimos ver sua “frieza” em matar Plutão enforcando-o em uma árvore em seu quintal. Essa frieza se estende ao longo da estória, o que acaba por levar o narrador-protagonista ao próximo assassinato, ele conta que:

Fiquei possesso. Enlouquecido pela cólera, esqueci o medo infantil que, até ali, detivera a minha mão. Ergui o machado e descarreguei um violento golpe no animal, que certamente teria morrido se não fosse a intervenção de minha mulher. Esse interferência deixou-me com uma raiva mais do que demoníaca. Puxei o meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta, sem um gemido. Restava-me a tarefa de ocultar o corpo. (POE, 2005, p. 14)

Para um narrador-protagonista, que de início nos dizia o quanto amoroso era com tudo e todos, seus atos de violência e crueldade nos dizem o oposto. Não bastou mutilar e matar Plutão, ele tentara matar o novo gato de estimação, somente pelo fato dele ter características que o faziam lembrar de Plutão. O ápice de seus atos cruéis foi matar sua esposa que dizia amar tanto. Mas vemos a seguir que sua morte não significou tanto assim quanto ele nos disse no início do conto:

Todos se aproximaram da parede e puseram-se a desmanchá-la. Ela caiu inteiriça. O cadáver, já decomposto, manchado de coágulos, erguia-se ereto aos olhos dos presentes. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e olho solitário faiscando, estava assentado o horrendo animal. O gato que me levava ao crime e cuja voz delatora me havia entregue ao carrasco. (POE, 2005, p. 16)

Percebemos claramente que ele já está em um nível alto de “frieza”, além de agir como se nada houvesse ocorrido após assassinar sua esposa, o narrador-protagonista “empareda” o corpo, escondendo-o para que seus crimes não sejam descobertos. Sua crença de que seu crime fora perfeito era tão forte que seu próprio ego o entrega a polícia.

Somos capazes de inferir que o narrador-protagonista, em seu jeito de agir, já não estava ligando para o que poderia acontecer, parecendo até que ele queria que soubessem de suas façanhas assassinas. Terminando assim com sua prisão após os policiais encontrarem o corpo de sua esposa que estava emparedado.

Ao falar sobre os personagens encontrados no conto, o narrador-protagonista só pode descrevê-los de acordo com sua percepção acerca deles. Ele não tem acesso aos pensamentos, sentimentos e percepções desses personagens. Limitando-se apenas ao seu campo de visão para com as ações que ocorrem na estória. Tendo em consideração as limitações do narrador, Chiapinni (1987) nos diz que:

O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. Como no caso anterior, ele pode servir-se seja da CENA seja do SUMÁRIO, e, assim, a DISTÂNCIA entre HISTÓRIA e leitor pode ser próxima, distante ou, ainda, mutável. (CHIAPINNI, 1987 p.45)

Assim sendo, Chiapinni (1987) reafirma o que comentamos anteriormente. Conseguimos perceber isso quando o narrador-protagonista começa a descrever os personagens, iniciando por sua esposa, quando ele diz:

Casei-me muito moço. Tive sorte. Minha mulher possuía um caráter adequado ao meu. Sentiu logo minha predileção pelos animais domésticos. Não perdia, então, oportunidade de procurar os das espécies mais agradáveis. Pássaros, peixes dourados, um belo cão, coelhos, um macaquinho e um gato. (POE, 2005, p, 10).

Percebemos, então, que ao mesmo tempo em que o narrador-protagonista fala de sua esposa, ele aproveita e fala sobre seu “caráter”, tentando se igualar ao dela.

Mais à frente ele nos apresenta outra informação acerca do caráter de sua esposa, nos dizendo como ela se sentia em relação aos gatos pretos: “minha

mulher, embora não fosse supersticiosa, referia-se com frequência à crença popular que olha os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas.” (POE, 2005, p. 10).

Entendemos, como Chiapinni (1987) já havia postulado, que “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens.” (p. 45) e com a descrição sucinta de sua esposa, isso só nos reafirma o tipo de narrador encontrado no conto, juntamente com o ponto de vista por ela exposto: “Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (p. 45).

A descrição sobre os gatos é colocada de acordo com suas características físicas, como vemos quando o narrador-protagonista descreve o primeiro gato, Plutão, “Este último era um animal lindo. Grande, todo preto. E muito inteligente.” (POE, 2005, p. 10). Vemos que é uma caracterização a partir daquilo que ele está vendo sobre o gato.

Mais adiante na estória, o narrador-protagonista encontra um novo gato, esse agora sem um nome específico, mas semelhante a Plutão, “vi repousando, em cima de um imenso barril, um gato preto. Muito grande, tão grande quanto Plutão.” (POE, 2005, p. 13). Continuando, ele nos descreve as semelhanças entre os felinos, “Descobri que, como Plutão, também fora privado de um dos olhos” (POE, 2005, p. 13) e, em seguida, fala diretamente com leitor:

O leitor há de recordar-se que esse estranho animal trazia uma marca de pêlo branco no peito, o que constituía a única diferença entre ele e o outro. Observando melhor, notei que a mancha, antes imprecisa, assumia uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução exata de uma coisa horrenda, apavorante: uma forca (POE, 2005, p. 14).

Descrevendo-o agora com uma diferença entre eles que, no entanto, os tornavam mais semelhantes. Afinal, o narrador-protagonista matara Plutão enforcado e o novo gato trazia consigo uma mancha branca no peito que lembrara a imagem de uma forca. As características do novo gato o fizera lembrar-se dos seus atos cruéis com Plutão, desde o momento que arrancara um de seus olhos, até o momento em que o enforcara.

Neste momento, após encontrarmos o tipo de narrador, o tipo de foco narrativo e quais os canais de informações que o narrador se utiliza para contar a estória, Friedman (2002, p. 172) diz que é preciso verificar “a que distância esse

narrador coloca o leitor da estória”. Ele o aproxima da estória? O deixa distante? Ou alterna entre os dois anteriores?

Para termos condições de responder esse questionamento, faz-se necessário lembrar que estamos tratando de um narrador-protagonista, com um campo de visão limitado, considerado de onisciência seletiva, e que depende de suas próprias percepções, sentimentos e pensamentos para nos dar informações sobre a estória.

Durante o conto, conseguimos perceber que o narrador posiciona o leitor a uma distância alternada da história, ora o aproximando, como no início do conto, ora distanciando-o de tudo o que está acontecendo, deixando-se mostrar outra pessoa. Silva (2017, p. 122) nos diz que ao trazer esse tipo de narrador, “o efeito esperado é que o leitor possa acompanhar o crescimento da personalidade” do narrador-protagonista “à medida que” ele “vivencia as experiências” que passa na história. Assim, o leitor teria a possibilidade de perceber situações que somente esse tipo de narrador teria acesso.

Silva (2017, p. 123) afirma ainda que “O despertar do interesse do leitor está no conflito”. E percebemos que, ao longo do conto, o narrador tenta aproximar o leitor daquilo que está sendo contado. Sendo dessa forma, ele começa o conto já tecendo um diálogo com o leitor, “Amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Por essa razão vou lhes contar tudo” (POE, 2005, p. 9), assim, ele começara a colocar de forma exposta suas ações e porque tais ações aconteceram.

Percebemos que, ao longo do conto, o narrador-protagonista tenta convencer o leitor de sua “bondade”, como podemos destacar no trecho em que ele nos diz: “Inacreditável que tudo isso tenha acontecido. E assim aconteceu. E logo comigo que, desde menino, fui sempre dócil, humano.” (POE, 2005, p.9). É inevitável a necessidade do narrador em se descrever afetuoso, ou até mesmo amoroso, serve para que em seguida ele venha mostrar sua verdadeira face.

Conseguimos observar a crueldade com que o narrador-protagonista tratou seu gato, Plutão “[...] Prendi-o pela garganta. Com um canivete, arranquei-lhe um dos olhos! [...] Certa manhã, a sangue-frio, enforquei-o no galho de uma árvore” (POE, 2005, p.11). Vemos que ele começa nos dizendo com detalhes como cometera o ato de arrancar um dos olhos de Plutão.

No entanto, no seu primeiro ato ele estava sobre efeito do álcool, mas quando ele decide matar o gato enforcado, não há indício algum de que estaria novamente

embriagado, ou seja, nesse momento vemos que ele assassinou seu gato a sangue-frio, sem estar sendo influenciado por bebidas alcoólicas.

E um pouco mais à frente, ele tenta reaproximar novamente o leitor da estória “O leitor há de se recordar-se que esse estranho animal trazia uma marca de pêlo branco no peito [...]” (POE, 2005, p. 14), fazendo menção ao novo gato que encontrara. Contudo, o narrador-protagonista não consegue mais conviver com o novo gato, afinal o mesmo o fazia lembrar de Plutão, como podemos ver nitidamente no excerto abaixo:

Noite e dia, em todos os momentos de minha vida, eu não conseguia mais a graça do repouso. Atormentado, perseguido, durante o dia, pelo horrível bicho, e à noite, pelos sonhos de pavor, eu deixava morrer em mim os restos de bondade e de bons sentimentos (POE, 2005, p. 14).

Somos capazes de perceber que o narrador-protagonista acabou não tendo certo cuidado para “produzir no leitor os mesmos efeitos” (GOULART & TRINDADE, 2013, p.126) sobre sua estória. Ora diz algo para tentar aproximar o leitor e tenta manipulá-lo, estabelecendo uma interlocução explícita com o leitor apenas em dois momentos do conto, ora o afasta e simplesmente o deixa de lado, falando então coisas de forma indireta ao leitor, por meio de suas memórias de tudo que acontecera.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, realizamos a análise do conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe, tomando por base os princípios da narrativa de Friedman (2002), por meio das respostas encontradas nos questionamentos postulados em sua obra, sendo eles: a) Quem fala ao leitor?; b) De que posição (ângulo) em relação à estória ele a conta?; c) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a estória ao leitor?; e d) A que distância ele coloca o leitor da estória?

De acordo com esses questionamentos, pode-se afirmar que o narrador encontrado no conto é o próprio personagem principal, ou seja, como Friedman (2002) denomina de narrador-protagonista.

Levando em conta essa informação, temos como foco narrativo do conto de forma central fixo, que é denominado por Friedman (2002) como onisciência

seletiva, que é quando temos um dos personagens expondo seus pensamentos, sentimentos e percepções, de tal maneira que toda a narrativa se trata de memórias do narrador-protagonista sobre os fatos ocorridos. Contando desde de sua infância até os tempos em que ele traz à tona sua transformação.

Portanto, o narrador-protagonista então revela por meio das experiências que marcaram sua subjetividade. Mostrando suas experiências por meio de suas memórias. Por esse motivo, percebemos que ora o narrador aproxima o leitor da estória, ora o distancia.

Desse modo, conseguimos afirmar que o narrador e o foco narrativo são bem trabalhados e difundidos, possibilitando ao leitor uma visão da percepção do narrador-protagonista em relação ao seu próprio comportamento, onde através de suas memórias explana sobre seus pensamentos e sentimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Cláudio Weber. **O Corvo**: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe. São Paulo, 2011. 197 p.

ARAÚJO, Ricardo. **Edgar Allan Poe**: um homem em sua sombra. Ateliê Editorial: São Paulo. 2002.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. Pioneira, São Paulo. 1981.

GOULART, Audemaro Taranto; TRINDADE, Viviane de Cássia Maia. O caráter estético do texto literário na formação do leitor. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, v.3, n.4, p. 111-128. 2013.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**: ou A polêmica em torno da ilusão. São Paulo: Ática, 1987.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; FERRAGUT, Laurizete Ferragut. Narrativa como objeto de estudo: Aportes Teóricos. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 219-237, jul./dez. 2009.

POE, Edgar Allan. **O Verme Conquistador**. Tradução Sofia Sampaio. 2004. Acesso em: <http://www.sempreempe.pt/index> acesso: 09/06/2019.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.

SILVA, Laila Ribeiro. **Tormenta**: a criação de uma novela distópica. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2017.